

LECTIO DIVINA- COMUNIDADE PAZ E BEM DE 18 À 23 DE MAIO DE 2020

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 2020

João 15,26-16,4a (A despedida) Jesus, após ter advertido aos seus, do ódio e perseguições do mundo, pretende, agora, tranquilizá-los dizendo que seu fiel testemunho nas duras provas que sofrerão dos tribunais do mundo, será apoiado pelo testemunho do Espírito da verdade, que ele mesmo lhes enviará do Pai. Mais ainda, as contradições serão o lugar onde se manifestará com poder a ação do Espírito que falará por eles. Qual é o contexto do testemunho do Espírito? O ódio do mundo. E neste clima de oposição que os discípulos terão que dar testemunho de Cristo. Ele, sem dúvida, uma vez glorificado, enviará o Paráclito, em unidade com o Pai. O Espírito «dará testemunho» em seu favor (15,26). A este testemunho interior do Paráclito se acrescenta o exterior dos discípulos (v.27), banco de prova para a fé cristã: «Vos expulsarão da sinagoga. Mais ainda, chegará um momento, no qual vos tirarão a vida pensando que dão culto a Deus» (16,2). Estas previsões do Mestre, realizadas com acentos de denso sofrimento, revelam a verdade dos acontecimentos que viverão, em breve, os discípulos. Sublinha para que estes, depois, durante as provas, possam recordar-se do que lhes disse o Mestre e não tenham que sucumbir, assim, ao escândalo, e continuem confiando nele (v.4). Os inimigos da Igreja podem pensar que estão do lado do justo e têm também a Deus de seu lado; porém, como não viram a verdade da luz do Pai, refletida na pessoa de Jesus, não conhecem o verdadeiro rosto do Pai.

At 16,11-15 (Chegada a Filipos) Estamos na Europa, em Macedônia, a pátria de Filipe, pai de Alexandre Magno. Sem dúvida, para Paulo, provavelmente se tratava de uma das tantas cidades de língua e cultura grega do imenso Império romano. A comunidade judia devia ser, aqui, bem mais reduzida, se é verdade que não havia sinagoga e as reuniões se celebravam junto ao rio. Ao que parece, prevalece o público feminino, entre o qual destaca-se uma rica comerciante de púrpura, cujo nome também se cita: Lidia. Lidia é o paralelo feminino de Cornélio, e «adorava ao verdadeiro Deus»: isso significa que era uma pagã que havia se aproximado do judaísmo e se convertido em «prosélita». Ao contrário do que havia ocorrido em Antioquia de Pisidia, onde algumas mulheres haviam participado na revolta contra os missionários, Lidia se sente atraída de imediato pela mensagem cristã. De fato, «o Senhor lhe abriu o coração para que aceitasse as palavras de Paulo». Precisamente como havia feito o Ressuscitado com os discípulos, quando lhes abriu a mente (Lc 24,25): é sempre o Senhor quem acompanha os seus testemunhos e torna eficaz sua Palavra, quando e onde crê oportuno. Mais tarde, se desencadeará a fantasia dos apócrifos sobre este episódio, tecendo uma história de aventuras e acontecimentos fantásticos que teriam, como protagonistas, Paulo e Lidia.

SI 149 (Hino triunfal) Desde os primórdios, deveria ser cantado em todas as celebrações litúrgicas. Sempre quando a comunidade está reunida, há a certeza da presença de Deus, pois «onde dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles». O mandato de Jesus nos recorda que devemos responder à violência com a paz. São os mártires que fazem a beleza da Igreja, pois nunca usaram a força bruta para se defender, mas só a força do amor. Profetas, apóstolos, mártires, como não se lembrar de Edith Stein, Maximiliano Kolbe, Dom Romero, nos ensinam o verdadeiro cristianismo, que é o amor. Há também os mártires «brancos», que não deram o próprio sangue, literalmente falando, mas sofreram martírio quando foram proibidos de seguir sua religião e adorar o Senhor. Sobre eles, o Evangelho nos fala que bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados. Cantemos este Salmo com os justos perseguidos, mas vitoriosos. Com os pobres, com os que sofrem, de uma forma ou outra. Que ninguém carregue só a sua cruz. Queremos ser bons cirineus para ajudá-los na oração e na solidariedade.

Senhor, quero te louvar hoje com as bem-aventuranças de Lucas, que colocam em contraste os felizes do mundo com os felizes que vivem teu amor. «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus! Felizes vós que agora passais fome, porque sereis saciados! Felizes vós que agora estais chorando, porque haveis de rir! Felizes sereis quando os homens vos odiarem, expulsarem, insultarem e amaldiçoarem vosso nome por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos, nesse dia e exultai, porque será grande a vossa recompensa no céu, pois era assim que os seus antepassados tratavam os profetas. Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes vossa consolação! Ai de vós que agora estais fartos, porque passareis fome! Ai de vós que agora estais rindo, porque ficareis de luto e chorareis! Ai de vós quando todos falarem bem de vós, pois assim era que seus antepassados tratavam os falsos profetas» (Lc 6,20-26).

MEDITATIO: A vida cristã é, ao mesmo tempo, templo de tentação e testemunho, templo de luta e colaboração na obra do Espírito destinada a dar testemunho do Ressuscitado. Assim como o Ressuscitado foi ao Pai em meio da incompreensão humana, assim também, os discípulos serão incompreendidos, expulsos dos lugares importantes e, inclusive, lhes tirarão a vida. Insinua-se, aqui, uma visão «heroica» da vida cristã, visão na qual o cristão tem de ser testemunho no sentido mais pleno, o de mártir. A realidade de Cristo resulta tão decisiva para a humanidade e, ao mesmo tempo, tão diferente do modo comum de pensar, que quem se põe da parte de Cristo será, inevitavelmente, marginalizado e, inclusive, suprimido. Isso foi o que aconteceu no século XX com o elevadíssimo número de mártires. É o que está acontecendo e, presumidamente, acontecerá no próximo século com a marginalização prática de quem, em meio do sincretismo geral ou do fundamentalismo que ressurge, se põem da parte de Cristo, armado com o poder do Consolador. Também, hoje, os discípulos eleitos para ser guardiões e testemunhos da realidade divina de Cristo, estão advertidos da incompreensão e hostilidade com que serão perseguidos pelo mundo. E o fará umas vezes em nome do progresso, outras da emancipação e da modernização, da libertação dos tabus, das batalhas da civilização, dos direitos humanos e de todas as motivações que nestes anos manejaram, em não raras ocasiões, também para fazer esquecer o passado cristão e impor novos modelos de vida.

ORATIO: Anuncia-se, Senhor, tempos duros. A rejeição de tua memória está se afirmando em algumas partes de nosso mundo ocidental, como se teu nome houvesse sido a causa de um momento obscuro da história da humanidade. Faz, Senhor, que não nos escandalizemos, mas que saibamos resistir, todos unidos, com a força e o consolo de teu Espírito. Faz, sobretudo que não tenhamos que julgar a quem nos marginalizam, porque, em ocasiões, consideram «que dão culto a Deus» ou, ao menos, à causa da humanidade, com frequência, de boa

fé. Faz-nos conscientes de que, também nós, os cristãos, temos sido, às vezes, ao longo da historia, intolerantes e perseguidores de outros irmãos, crendo dar culto a Deus. Ajuda-nos a ser humildes, a não cair no vitimismo, a dar testemunho de ti com firmeza e orgulho, ainda que, sem pretender, nem aplausos, nem medalhas, nem salvo condutos, nem reconhecimentos, nem desejo de revanche. Faz que aprendamos a ter confiança só na força de teu Espírito, para dar testemunho de ti...

CONTEMPLATIO: "O arco dos fortes foi quebrado, os fracos, se cingem de força» (1 Sm 2,4). Com justiça, a graça do Espírito Santo recebe o nome de vigor, já que os eleitos, ao recebê-la, tornam-se fortes contra todas as adversidades deste mundo. "Quem, senão os apóstolos, hão de considerar-se débeis? De fato, está escrito que, no momento em que foi preso o Senhor, todos, abandonando-lhe, fugiram. Porém, apenas os revestiu o vigor, é uma maravilha ver como os fez fortes. O Espírito, com um estrondo imprevisto, desceu sobre eles e transformou sua debilidade na potencia de uma maravilhosa caridade. O vigor do Espírito venceu o temor, superou os terrores, as ameaças e as torturas, e aos que revestiu, descendo sobre eles, os adornou com as insígnias de uma audácia maravilhosa para o combate espiritual; até tal ponto que, em meio dos açoites, torturas e outros ultrajes, não só não temeram, mas exultaram (Gregorio Magno, *Comentaria a I Reyes*, 1,97)..

AÇÃO: Repete com frequência e vive hoje a Palavra:

«O Espírito da verdade dará testemunho sobre mim» (Jo 15,26)

PARA A LEITURA ESPIRITAL Cai hoje o número de cristãos? Se tens a impressão de que o cristianismo está diminuindo, em nossos dias, seu papel de guia espiritual; se tens a impressão de que o povo busca o significado do ser ou não ser, da vida e da morte, do amar e ser amado, do ser jovem e do envelhecer, do dar e do receber, do ferir e do ser ferido, e não espera nenhuma resposta dos testemunhas de Jesus Cristo, começa a perguntar-te, então, até que ponto estes testemunhas deveriam chamar-se mesmo de cristãos. O testemunho cristão é um testemunho incisivo, porque professa que o Senhor voltará para fazer novas todas as coisas. A vida cristã chama a mudanças radicais, pois o cristão assume uma distância crítica com respeito ao mundo e, apesar de todas as contradições, continua dizendo que é possível um novo modo de ser humano e uma nova paz. Esta distância crítica é um aspecto essencial da verdadeira oração (H.J.M.Nouwen).

2

TERÇA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 2020

Evangelho: João 16, 5-11

Jesus anuncia a sua partida deste mundo, e afirma que ela é conveniente para os discípulos. Jesus fala da sua morte, que só poderá ser entendida à luz do Espírito Santo. O testemunho de Jesus, que os discípulos hão-de dar, só será possível depois de entenderem quem é Jesus, o que significou a sua presença no meio de nós, e qual foi o sentido da sua morte e da sua ressurreição. E só o Espírito lhes pode dar esse entendimento. Os discípulos hão-de sofrer perseguições. Mas elas serão intoleráveis se não estiverem convencidos e seguros daquilo pelo qual serão perseguidos.

Além de dar testemunho de Jesus, o Espírito também acusará o mundo de pecado por O ter rejeitado. Os crentes ficarão esclarecidos sobre o erro do mundo, sobre o seu pecado de incredulidade. A condenação de Cristo foi inconsistente. A sua ressurreição condenou o princípio deste mundo para sempre. Jesus, morto e ressuscitado, é o verdadeiro vencedor.

Primeira leitura: Actos 16, 22-34

Lucas quer suscitar nos seus leitores a confiança em Deus, que tem mais poder que os homens, e pode transformar as dificuldades em graça. Por isso, «romanceia» muito o seu relato. Paulo e Silas tinham expulsado o espírito pitónico de uma escrava bruxa. Os seus senhores, que assim viram desaparecer uma fonte de rendimento, arrastaram os missionários à presença dos magistrados, e acusaram-nos de criar desordem na cidade, apregoando usos contrários aos dos romanos. Os magistrados, sem grandes investigações, mandaram açoitar os acusados e puseram-nos na prisão, bem vigiados. Mais tarde, invocando a sua cidadania romana, Paulo irá protestar contra os abusos cometidos contra ele. Entretanto, dá-se a clamorosa conversão narrada no texto que hoje escutamos. O testemunho sereno dos prisioneiros, a sua lealdade, a série de eventos extraordinários, impressionam o carcereiro, que pergunta aos apóstolos: «Senhores, que devo fazer para ser salvo?» (v. 30). A resposta é simples e directa: «Acredita no Senhor Jesus» (v. 31). Assim, depois de Lídia, prosélita judaica, um funcionário romano, entra a fazer parte da comunidade de Filipos, tão cara a Paulo.

Meditatio

A pregação, em Filipos, teve um começo prometedor. Mas acabou de modo desastroso, quando se levantou um motim contra os missionários, que foram acusados perante as autoridades e lançados na prisão. Paulo, como cidadão romano, estava isento destes processos sumários feitos pelas autoridades locais. Mas, dessa vez, não invocou tal direito. E seguiu-se todo o episódio descrito por Lucas. Enquanto Paulo e Silas cantam os louvores de Deus na prisão, dá-se um terramoto que escancara as portas da mesma. Os apóstolos podiam ter fugido, como pensou o carcereiro. Mas permaneceram na prisão, confiando em Deus e no seu

poder para transformar as dificuldades e problemas dos seus missionários em ocasiões de graça. E foi o que aconteceu. O carcereiro converteu-se. E a Igreja teve o primeiro encontro com Roma, representada pelas autoridades da colónia romana de Filipos. Lucas quer mostrar que o cristianismo nunca foi um perigo para a lei e para a ordem no Império. Por isso, Roma deve reconhecer-lhe liberdade para pregar o Evangelho.

A acção missionária da Igreja está sempre sujeita a vicissitudes idênticas às que Paulo e Silas tiveram de enfrentar. Mas há que prosseguir a missão, confiando em Deus e no seu poder. A história da Igreja mostra-nos como Deus, pela persistência e pela fé dos missionários, faz maravilhas. Lembro-me concretamente da Igreja que está em Moçambique e do que teve de enfrentar, seja durante a guerra colonial, seja durante os primeiros anos da independência do país. Não faltaram dificuldades de toda a ordem, incluindo acusações de colaborar com uma ou outra força durante a guerra colonial, ou de ser um instrumento do imperialismo, depois da independência. Mas a Igreja não se deixou impressionar e permaneceu em nome da fidelidade a Deus, e em nome da fidelidade ao povo. O seu notável papel acabou por ser reconhecido.

O evangelho faz-nos ver como, enquanto o mundo condena os discípulos de Jesus, o Espírito inverte a situação, revelando o verdadeiro ser do mundo, o seu erro, a sua nulidade. É uma luz que emerge no critério do juízo divino, diferente e até oposto ao do mundo. Perseguidos e condenados pelos tribunais do mundo, os discípulos podem julgar e condenar o mundo, enquanto esperam o juízo final que revelará os termos exactos do entendimento divino.

Precisamos muito, hoje, deste Espírito que reforça os corações, que torna evidentes as razões para crer, e que dá coragem para nos opormos à mentalidade deste mundo cada vez mais seguro de si, e mais sedutor. Precisamos, sobretudo, que o Espírito nos mostre que muitos sectores do mundo «mundano» têm em si componentes diabólicas, que a batalha entre Cristo e o príncipe deste mundo continua, e que somos chamados a participar nessa luta decisiva dentro de nós, entre nós e à nossa volta.

É verdade que todos somos criaturas frágeis, cansadas e fatigadas: "cansadas" pela luta contra o mal; "fatigadas" pelo peso da nossa carne fraca, e pelo peso das nossas culpas. Mas Cristo, com misericordiosa bondade, convida-nos a ir a Ele para termos força na luta: «Vinde a Mim, todos vós, que vos estais cansados e oprimidos, e aliviar-vos-ei... Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração e achareis alívio para as vossas almas, pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve» (Mt 11, 28-30).

A nossa luta contra o mal passa pelo anúncio do Evangelho, mas também pelo empenhamento em favor da justiça e da paz entre os homens. Foi que fez o Pe. Dehon, com o seu intenso apostolado social, em S.

Quintino. Isto é importante para as pessoas pobres e desprotegidas, mas também é importante para a Igreja, frequentemente sentida como "um corpo estranho", mas que se torna credível quando se compromete seriamente em favor do homem, e na luta pela sua libertação de todas as formas de opressão.

Oratio

Veni Sancte Spiritus! Vem Espírito Santo, para que resistamos ao poder do mundo. Vê como somos fracos, como somos tímidos, e como as razões do mundo avançam na conquista dos corações dos jovens e dos menos jovens. Que poderemos fazer, se não vieres em nosso auxílio? Os nossos argumentos passam ao lado de muitos dos nossos contemporâneos, sem lhes beliscar a couraça dasseguranças em que põem a sua confiança. Sem o teu Espírito, tornamo-nos como o sal que não salga, ou como a luz que não alumia. Sem o teu Espírito, corremos o risco de nos sentir defensores de uma causa perdida. Enche-nos do teu Paráclito, do teu Advogado, do teu Arguente, do teu Defensor, do teu Consolador, para que não fujamos à luta, não fiquemos desarmados, não nos afoguemos no difuso paganismo que nos envolve. Faz-nos profetas críticos deste mundo, profetas entusiastas do teu mundo, da tua verdade. Amen.

Contemplatio

Também neste ponto Nosso Senhor não nos deixará órfãos. Suster-nos-á pelo seu Espírito. As provas virão e muito grandes. Estaremos à mercê do ódio do mundo e das perseguições, mas não tenhamos medo, as perseguições não impedirão nem o cumprimento dos designios de Deus nem o estabelecimento do seu reino. O Espírito Santo dará testemunho a Nosso Senhor pela verdade que há-de propagar e pelas obras que há-de inspirar; e nós, fortificados pelo Espírito Santo, daremos também testemunho a Nosso Senhor pregando a verdade e suportando por ela todas as provas e contradições.

Devemos ser os instrumentos do Espírito Santo para a renovação do mundo. Encontraremos nele todos os socorros necessários para cumprimos dignamente a nossa missão apostólica. Fortificar-nos-á na verdade, no zelo e na paciência.

A oração será o canal da nossa força. Rezaremos a Deus com uma fé íntegra e uma viva confiança pelo sucesso das nossas obras, pela salvação das almas e pelo reino do Sagrado Coração. «Pedi e recebereis, diz-nos Nosso Senhor, e a vossa alegria será completa. Pedi em meu nome, com a ajuda do Espírito Santo, meu Pai vos ama, porque vós me amais e vos atenderá» (Leão Dehon, OSP 3, p. 445).

AÇÃO: Repete frequentemente e vive hoje a palavra: **Se Eu for, Eu enviar-vos-ei O Consolador** (Jo 16, 7).

João 16,12-15 (A vinda do paráclito) O texto inclui a quinta promessa da missão do Espírito, mestre e guia para a plenitude da verdade. Após uma introdução ao tema (v.12), o trecho, de valor teológico, desenvolve-se em três passagens paralelas, que conclui, cada uma, com a mesma fórmula «*Ele vos revelará*»: vv.13.14.15) e com uma progressão temática doutrinal sobre as três pessoas divinas: o Espírito, Cristo, o Pai. Jesus queria revelar aos seus muitas outras coisas, mas agora não podem entendê-las. Terão que receber o Espírito. Ele será a ajuda dos discípulos e os introduzirá «na verdade completa» (v.13), isto é, inaugurará um período novo do conhecimento da Palavra de Jesus. Sua instrução se desenvolverá no íntimo do coração de cada discípulo, e com ela conhecerão os segredos da verdade de Cristo e poderão fazer-lhes entrar neles. A tarefa do Espírito será semelhante à de Jesus, ainda que dirigida ao passado e ao futuro. Do mesmo modo que o Filho, em sua vida terrena, não fez nada sem o consenso e a unidade do Pai, assim o Espírito, no tempo da Igreja pós-pascal, atuará em perfeita dependência de Jesus e «dirá, unicamente, o que tem ouvido» (v.13c). Guiará na compreensão interior da Palavra de Jesus; mais ainda: de Jesus mesmo, «e vos anunciará as coisas futuras» (v.13d), quer dizer, os fará ver a realidade de Deus e dos homens, como o Pai e o Filho a vêem; os fará conhecer, de modo verdadeiro, os acontecimentos do mundo e da história, desde a ótica da novidade iniciada pela morte e ressurreição de Cristo, sempre nova e criativa, interiormente.

At 17,15.22-18,1 (Paulo em Atenas) – Trata-se do famoso discurso no Areópago (provavelmente o conselho da cidade) de Atenas. É o primeiro encontro, não tanto com o paganismo, que já havia tido lugar em outras partes, mas com a cultura pagã, com os representantes da elite cultural do tempo; estôicos e epícuros. Estamos ante um discurso bem preparado, hábil; um exemplo de inculturação que, sem dúvida, não fere em nada a originalidade da mensagem cristã. Apesar de Paulo usar elementos da cultura dos ouvintes, citando, inclusive, poetas gregos, do mesmo modo que citava as Escrituras ao dirigir-se aos judeus, não faz discurso de filósofo, mas de profeta. Anuncia um homem ressuscitado dos mortos, que permite vencer a ignorância na qual caíram durante séculos nações inteiras: a idolatria. Paulo se alinha com os maiores filósofos e poetas que a criticaram, mas disse o que não podiam dizer jamais, nem os filósofos nem os poetas: é possível chegar à verdade por um homem, acreditado por Deus com a ressurreição de entre os mortos; um homem que será o juiz final, o critério do bem e do mal. Ante um anúncio tão pouco «racional», o auditório, como sempre, se divide. Muitos se vão, outros aderem ao anúncio. Muito se tem discutido se o discurso, quer dizer, a tentativa de inculturação, teve êxito ou fracassou. Do mesmo modo que se tem discutido se, depois desta tentativa, mudou, Paulo, sua modalidade de anúncio. Sem dúvida, parece que a intenção de Lucas foi dar o exemplo de um modo de anúncio do *kerygma* aos pagãos cultos. Os resultados são os esperados, pois a Palavra de Deus divide os corações e as mentes. Contudo, até na brilhante e superficial Atenas nasce uma comunidade cristã: isso é o importante para Lucas. É preciso recorrer a todas as modalidades de anúncio para pregar Cristo.

Salmo 148 (Louvor cósmico) - É uma bela e harmoniosa sinfonia que canta as maravilhas do Senhor. São chamados a cantar 23 criaturas diferentes, resultando em um belíssimo coral. Porém, o que o Senhor mais deseja é que o ser humano cante a vida, a alegria, o amor. Santo Agostinho recorda que “se não canta a voz, cante o coração”. E quem canta reza duas vezes! A oração não acontece somente quando assumimos uma atitude recolhida e rezamos “fórmulas” prontas, sejam elas de nossa autoria ou de outros. Rezamos sempre que entramos em sintonia com a vontade do Senhor, e todo o universo é chamado a assumir a sua missão de louvor cósmico. O nosso mal é divorciar a vida da oração e a oração da vida. Precisamos fazer uma síntese de tudo o que existe e foi criado por Cristo e em Cristo. A Deus sejam dados glória, honra e louvor. Criaturas do céu, da terra e do mar são chamados a manifestar a sua alegria pela própria existência.

Senhor, quero te apresentar a voz de todos os povos, de todas as raças; ninguém pode faltar no grande coral que canta os seus louvores. Mesmo os que não te conhecem te louvam sem saber. Tudo é teu porque tu o criaste. Perdoanos, Senhor, se às vezes na nossa vida entra a nota desentoadada do pecado que destrói a beleza do universo e da conveniência. Por que não nos amamos? É a pergunta que trago no meu coração e que, como espinho, fere a minha carne e o meu espírito. Dá-nos olhos para ver a necessidade dos irmãos, coloca na nossa boca palavras que consolem e confortem, ajuda-nos a não fechar o coração diante dos necessitados que encontramos em nosso caminho. Todos nós concordamos que a ti, Senhor, seja dado louvores e ação de graças. Rompes as barreiras do egoísmo e fazes que a nossa voz seja um hino de louvor ao teu amor. O nosso único sinal comprovando que somos cristãos é o amor. "Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35).

MEDITATIO: O Espírito prometido permitirá, aos discípulos, compreender as coisas de Deus, tal como foram reveladas por Jesus. O Espírito fará a exegese das palavras do Senhor, para que possam caminhar através da história com a «mente de Deus», com seu modo de ver e de julgar, de sentir e de operar. Também expressa a diferença do discípulo e da Igreja com respeito ao mundo. O sentido das coisas, da história, dos acontecimentos, está reservado aos que têm o Espírito. Mas, é preciso que o Espírito possa falar. A tradição tem falado da necessidade de dispor de um coração «purificado» para compreender as coisas de Deus, tal como são sugeridas pelo Espírito. O Oriente cristão tem meditado largamente sobre a bem-aventurança: «Bem-aventurados os pobres de coração, porque verão a Deus». A visão de Deus e de suas coisas, a compreensão das palavras de Jesus, sua atualização às distintas situações em diferentes momentos da história pessoal ou geral, estão reservadas àqueles que deixam falar o Espírito, em um coração purificado, progressivamente libertado dos apegos e condicionamentos mundanos. As épocas mais criativas para a fé foram as épocas nas quais se nos obrigava à libertação interior, à oração, à santidade. É nos santos onde as palavras do Senhor se realizam ao máximo. É a eles que é dada a compreensão profunda das coisas de Deus, bem como, uma compreensão particular do momento histórico. Ver a realidade, segundo Deus, é algo distinto ao conhecimento necessário típico da razão: é deixar que o Espírito fale em um coração despojado das coisas demasiado terrenas.

ORATIO: Ajuda-me, Senhor, a libertar-me das demasiadas coisas que me impedem compreender «a verdade completa», compreender tua Palavra no hoje, o que dizes para mim hoje, o que devo fazer aqui e agora,

sobretudo como devo ver minha vida e os acontecimentos que têm que ver com meus irmãos, na situação em que me encontro. Purifica meu coração para que meu olho interior possa ver teus caminhos, para que meu ouvido interior possa ouvir tua vontade, para que meu instinto esteja orientado para ti. As propostas que me fazem são múltiplas. A comunicação me inunda de mensagens multiformes e contraditórias. Com freqüência não sei para onde orientar-me. Concede-me um coração desprendido e vazio para deixar-me falar a ti; concede-me um coração humilde para escutar a voz de tua Igreja, que me orienta. Sobretudo, faz que não esteja condicionado de tal modo pelas indicações do mundo, que siga tuas indicações, a sua luz. Devo julgar as soluções do mundo à luz que vem de ti, se quero ser luz do mundo. Umas vezes mediante o processo de um delicado discernimento; outras, com a obrigada nitidez. Purifica-me e ilumina-me, Senhor.

CONTEMPLATIO: Não espereis escutar de nós as verdades que o Senhor não quis dizer a seus discípulos, por não estar ainda em condições de compreendê-las. Aplicai-vos, melhor, em progredir na caridade, que desce a vossos corações por meio do Espírito Santo que vos foi dado. Graças ao fervor de vossa caridade e ao amor que alimentais pelas coisas da alma, podereis experimentar, interiormente, aquela luz, aquela voz espiritual, que os homens atados à carne são incapazes de tolerar; e que não se apresentam com sinais que os olhos do corpo podem ver, nem se fazem ouvir com sons que os ouvidos podem ouvir. Não se pode amar, certamente, o que nos é de todo desconhecido. Porém amando o que conhecemos em parte, por efeito deste mesmo amor, se chega a conhecê-lo cada vez melhor, cada vez de modo mais profundo (Santo Agostinho, *Comentaria ao evangelho de João*.96,4).

AÇÃO: Repete com freqüência e vive hoje a Palavra:

5
«*Tudo o que vos dê a conhecer receberá de mim»* (Jo 16,14)

PARA A LEITURA ESPIRITAL: Faz vários anos, tive a oportunidade de encontrar a madre Teresa de Calcutá. Eu tinha naquele momento muitos problemas e decidi aproveitar esta ocasião para pedir um conselho à madre Teresa. Apenas nos sentamos, comecei a mostrar-lhe todos meus problemas e dificuldades, tentando convencê-la do complicados que eram. Quando, após ter lhe exposto elaboradas explicações durante uns dez minutos, me calei, e madre Teresa me olhou tranquilamente e disse: «Bem, se dedicas uma hora, cada dia, a adorar ao teu Senhor e não fazes nunca o que sabes que é injusto... tudo irá bem». Ao ouvi estas palavras me dei conta, de improviso, de que havia ferido meu ego dilatado, um ego composto de complicada autocomiseração, e me havia mostrado, muito mais além de mim mesmo, o lugar da verdadeira cura. Na realidade, fiquei tão chocada com sua resposta que não senti nenhum desejo ou necessidade de continuar. Ao refletir sobre este breve encontro, ainda que decisivo, dou-me conta de que eu lhe havia exposto uma pergunta pelo baixo e ela me havia dado uma resposta pelo alto. De início, sua resposta não parecia adequada com respeito a minha pergunta, porém, depois, comecei a compreender que sua resposta vinha desde o lugar de Deus e não desde o lugar de minhas lamentações. A maioria das vezes reagimos a perguntas pelo baixo com respostas pelo alto. O resultado é que cada vez há mais perguntas e, com freqüência, respostas cada vez mais confusas. A resposta da Teresa foi como uma luz em minha obscuridade. Conheci de improviso, a verdade sobre mim mesmo (H.J.M. Nouwen, *Vivere nelo Spirito*, Brescia).

QUINTA-FEIRA, 21 DE MAIO DE 2020

João 16,16-20 (Anúncio de pronto retorno) Jesus consola os seus da tristeza por sua partida. Assegura-lhes que essa tristeza durará pouco: «*Dentro de pouco deixareis de ver-me, porém dentro de outro pouco voltareis a ver-me*» (v.16). Que significam estas enigmáticas afirmações de Jesus? Refere-se aos dois tempos, aos quais Jesus está a ponto de dar cumprimento. O primeiro se refere à sua vida terrena, que está a ponto de acabar; o segundo, por sua vez, se refere à sua vida gloriosa, inaugurada na ressurreição. Seu retorno posterior não se limita às aparições pascais, mas se prolonga no coração dos crentes mediante sua presença neles. As palavras do Mestre não são compreendidas pelos discípulos, que expõem varias perguntas (vv.17-19). Jesus, que os conhece por dentro e os acontecimentos que lhes esperam, tenta remover, a partir das perguntas que expõem sua tristeza, infundindo-lhes confiança nele com uma nova revelação: «*Vossa tristeza se converterá em gozo*» (v.20). A comunidade terá que enfrentar a todo um cume de provas. Em especial quando for arrebatado o Esposo. Com sua morte, experimentará o pranto, a aflição e o desconcerto, enquanto que o mundo se sentirá alegre, pensando que extirpou o mal. Estes momentos serão, para a comunidade, momentos de dúvida, obscuridade e silêncio de Deus. Porém, a historia tomará sua revanche e, quando isto chegar, a comunidade dos discípulos experimentará o gozo. Jesus não fala de seus sofrimentos, e tinha motivos para isso, mas pensa nos seus mais que nele, como o bom pastor em seu rebanho.

At 18,1-8 (Fundação da Igreja de Corinto) Trata-se de um trecho que nos oferece úteis indicações para entender a vida cotidiana de Paulo e dos primeiros evangelizadores. Indica-nos Paulo tinha um ofício, um trabalho manual, e o exercia enquanto se dedicava à Palavra entre os atenienses, coisa pouco conveniente para um homem culto, porém, comum entre os rabinos, que encontravam no trabalho ocasiões de encontro e, portanto, de ensinamento. Paulo se hospeda e trabalha com um casal de judeus expulsos de Roma pelo decreto de Claudio. Informação útil para se conhecer a data deste período: o decreto imperial remonta aos anos 49-50. A chegada de ajudantes permitiu a Paulo dedicar-se de modo exclusivo à pregação. Lucas tem o cuidado de dizer que Paulo parte sempre dos judeus: só após a enésima rejeição, desta vez, bem mais violenta, declara que se dirigirá «*em diante*» aos pagãos. Já o havia dito em Antioquia de Pisidia (13,46s), e o dirá do mesmo modo mais adiante. Nota-se a preocupação do autor por explicar os motivos da passagem aos pagãos. Mas aqui há só espinhos, porque, frente à oposição judia, se converte, nada menos que o chefe da sinagoga com toda a família. E começa uma abundante colheita, também entre os pagãos. Uma observação: não há sintomas de uma mudança de «estratégia evangélica», como se, após o escasso êxito em Atenas, Paulo tivesse decidido não mudar nada em sua pregação, nem quanto ao conteúdo, nem quanto à linguagem. A passagem de Atenas a Corinto está aqui apresentada, mais como uma opção ulterior em favor dos pagãos, que como uma mudança de método, como se Paulo estivesse retraçando sua estratégia missionária.

Salmo 97/98 (O juiz da terra) - Os hinos de louvor à grandeza de Deus são um tema recorrente nos Salmos. Com sua leitura, somos convidados a unir ao canto à sua glória e beleza. Deus se faz presente em todos os detalhes, basta olhar ao nosso redor: Ele está nas flores, nos frutos, no soprar do vento e dentro de cada um de nós. Devemos seguir o exemplo dos santos, que souberam reconhecer a presença do Senhor no dia a dia, como São Francisco, que cantava a grandeza e a misericórdia de Deus nas flores e no canto dos pássaros, e São João da Cruz, que glorificava com rara beleza e força poética a beleza da criação como neste *Cântico Espiritual*: “Ó bosques e espessura, Plantados pela mão do meu Amado! Ó prado de verduras, De flores esmaltado, Dizei-me se por vós Ele tem passado!”. Assim também somos chamados a despertar do sono e entrar plenamente em comunhão com o Senhor, que está sempre entre nós. Deus fala hoje como ontem e falará como amanhã, cabe a cada um saber ouvir a sua voz e reconhecer o seu rosto encoberto por trás dos acontecimentos e das criaturas.

Senhor, nós somos festivos. Qualquer coisa entra em nossa vida e nos faz dançar de alegria. O nosso povo é festivo... tudo é ocasião para cantar e dançar: festa de aniversário, celebrações litúrgicas, encontros. O sabor da festa está conosco, por isso queremos ser ainda mais festivos para ti, sabendo que tu estás presente entre nós e andas conosco pelos caminhos da vida. Tu és vida, a vida merece ser celebrada e cantada. Deixe que meu coração cante em todas as circunstâncias, mas que não cante sozinho, que se uma a todos os meus irmãos de comunidade, de caminhada. Com o canto o caminho se faz mais breve e mais doce, com o canto somos todos animados. Que animemos uns aos outros, como fazia o povo de Israel. Amém.

MEDITATIO: O tempo da Igreja é o tempo no qual o discípulo se encontra preso entre o do mundo e o de Cristo. O gozo do mundo está ligado a valores efêmeros, como um saber posto ao serviço de interesses materiais; de uma carreira social, científica; da fama; da rentabilidade econômica de nossas opções. Com estas coisas, geralmente, gozam o mundo. O gozo de Jesus vem do ser seus discípulos, do saber que Ele está sempre próximo, que gastar a vida por Ele e os irmãos é uma vantagem e uma grande honra; que o único necessário é não perdê-lo, sentir sua proximidade, seguros de caminhar para sua posse. Nosso coração se encontra entre estes dois gozos: o primeiro é imediato, fugaz: o segundo é paciente, mas, sem dúvida, não decepciona. Às vezes os dois se enlaçam; outras, se opõem. O coração do discípulo deve estar orientado sempre para o «ainda não», para o decisivo «dentro de outro pouco voltareis a ver-me», quando o gozo, tão querido e crido, se tornará felicidade plena.

ORATIO: Dou-te graças, Senhor, por tuas visitas que me enchem de alegria. Dou-te graças por tuas ausências que me fazem desejar tua alegria. Bendito sejas, agora e sempre, porque sabes como governar meu coração e atraí-lo a ti. Permite-me pedir-te, hoje, que não me deixes só por demais, a mercê dos gozos deste mundo, para que não fique conquistado por eles. Que não me deixes, tampouco, só nas provas que o mundo me impõe, para que não desespere. Sei que deveria estar sempre alegre, «em todo tempo», que sempre deveria bendizer-te e dar-te graças. Sei que um discípulo teu não deveria estar nunca triste. Porém, tu, socorre-me quando este mundo me pareça demasiado doce, para que não me embriague, e também quando me pareça demasiado amargo, para que não me esmague.

CONTEMPLATIO: A promessa do Senhor, «dentro de outro pouco voltareis a ver-me», se dirige a toda a Igreja. O Senhor não tardará em cumprir sua promessa: um pouco mais e o veremos, lá em cima, onde já não teremos nenhuma necessidade de dirigir-lhe nenhuma oração, de expor-lhe nenhuma prece, porque já não nos restará nada que desejar, nada escondido que queiramos conhecer. Este breve intervalo de tempo nos parece longo porque, ainda deve transcorrer, porém quando tenha acabado nos daremos conta do breve que foi. Que nossa alegria, portanto, seja muito diferente da que experimenta o mundo. Que, tampouco, durante o trabalhoso parto deste nosso desejo, permaneça nossa tristeza completamente sem alegria, porque, como disse o Apóstolo, devemos mostrar-nos «alegres na esperança, pacientes na tribulação» (Santo Agostinho, *Comentário ao evangelho de João*).

AÇÃO: Repete com frequência e vive hoje a Palavra:

«Vossa tristeza se converterá em gozo» (Jo 16,20b)

PARA A LEITURA ESPIRITAL: A alegria é essencial na vida espiritual. Se pensamos ou dizemos qualquer coisa de Deus e não o fazemos com alegria, nossos pensamentos e nossas ações serão estéreis. Podemos ser infelizes por muitas causas, porém podemos encontrar ainda alegria, porque esta procede de saber que Deus nos ama. Estamos inclinados a pensar que quando estamos tristes não podemos estar contentes, porém na vida de uma pessoa que põe a Deus no centro podem coexistir a dor e a alegria. Não resulta fácil de compreender, porém quando pensamos em alguma de nossas experiências mais profundas, como assistir ao nascimento de uma criança ou a morte de um amigo, com frequência formam parte da mesma experiência uma grande dor e uma grande alegria, e descobrimos frequentemente a alegria em meio da dor. Recordo os momentos mais dolorosos de minha vida como momentos nos quais tenho chegado a ser consciente de uma realidade espiritual muito maior que eu, e que me permitia viver minha dor com esperança. Inclusive me atrevo a dizer: «Minha dor foi o lugar no qual encontrei minha alegria». A alegria não é qualquer coisa que simplesmente nos acontece. Devemos eleger a alegria e seguir elegendo-a cada dia. Trata-se de uma eleição baseada no conhecimento de que pertencemos a Deus e temos encontrado em Deus nosso refúgio e nossa salvação, e que nada, nem sequer a morte, nos pode arrebatar (H.J.M Nouwen, *Vivere nello Spirito*, Brescia)

SEXTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 2020

João 16,20-23a (Anúncio de pronto retorno) Jesus, apenas terminou de assinalar uma das constantes da experiência cristã (a dura espera do encontro gozoso e definitivo com ele: v.20), se vale da imagem eficaz e delicada da mulher que vai a dar a luz um filho (v.21) para expressar o passar da aflição à alegria abundante. A alegria da mulher é dupla: hão terminado seus próprios sofrimentos e há dado ao mundo um novo ser. A alegria cristã vai unida a dor, porém desemboca na vida nova que é a páscoa do Senhor. Em seguida, Jesus continua explicando a comparação em sentido espiritual (v.22). A dor pela morte humilhante do Filho de Deus se mudará em gozo no dia da páscoa, em uma alegria sem fim que «ninguém poderá tirar» aos

discípulos, porque está arraigada na fé n'Aquele que vive glorioso à direita de Deus. Jesus tem falado do tempo inaugurado com sua ressurreição; na continuação, acrescenta: «*Quando chegue esse dia, já não tereis necessidade de perguntar-me nada*» (v.23b). A expressão «esse dia» não se refere só ao dia da ressurreição, mas a todo o tempo que começará com esse acontecimento. Desde esse dia em diante, a comunidade cristã, iluminada plenamente pelo Espírito Santo, terá uma nova visão das coisas e da vida, e o Espírito iluminará interiormente seus membros e lhes fará conhecer tudo o que for necessário.

At 18,9-18 (Fundação da Igreja de Corinto) – Os fatos se desenrolam nos anos 51-52, que é quando o procônsul Gálio se encontrava em Corinto. Este atua de como «leigo»: não quer intrometer-se em questões religiosas. A seu ver, as questões que lhe submetem são internas ao judaísmo, que não têm nada com sua função. Lucas o sublinha de propósito, e dá mostras de apreciar tanto a neutralidade de Roma como o fato de que as autoridades romanas em geral, não se mostraram hostis, no começo, aos cristãos. Até salvaram Paulo em mais de uma ocasião do fanatismo de seus adversários. Os judeus não se dão por vencidos e tumultuam em excesso o clima: Paulo continua levando uma vida difícil. Porém fica confortado e confirmado em sua missão: está fazendo o que quer o Senhor. É o Senhor quem quer que se dedique também aos pagãos. Estes contínuos sublinhados expressam - uma vez mais - a seriedade do problema do passo aos pagãos para as primeiras gerações cristãs. É quase uma idéia fixa: *como explicar o fato de que o povo da promessa tivesse rejeitado a Jesus, enquanto que este era acolhido pelos gentios, isto é, pelos tão desprezados pagãos?* Porém é o Senhor - nos assegura Lucas - quem diz: «*Nesta cidade há muitos que chegarão a formar parte de meu povo*», como em outras muitas cidades, um povo constituído por alguns judeus e por muitos pagãos. E em Corinto, onde se encontrava o melhor e o pior da cultura grega, a confrontação com o paganismo no ia a ser uma brincadeira: dezoito meses em Corinto representam uma verdadeira iniciação na evangelização dos gentis. Finalmente, conclui Paulo, quase em fuga, sua viagem missionária, embarcando com seus patronos de trabalho, Priscila e Áquila, primeiro com destino a Jerusalém e depois para Antioquia. A um missionário como Paulo, ficar durante 18 meses em um só lugar, ainda que fosse com proveito, pôde parecer-lhe excessivo.

Salmo 46/47 (Iahweh é rei de Israel e do mundo) O poder de Deus não pesa nem opõe, mas é amor e serviço. Não somos nós que servimos a Deus, mas é Ele que nos serve, pois nos dá o melhor de si a todo momento: o seu amor. E entregou seu filho Jesus Cristo para nos livrar do pecado. O poder de Deus é libertação e força, o que nos permite vencer todos os inimigos que nos afastam daquele que deve ser o nosso caminho. A verdadeira política não pode excluir Deus de seus projetos, pois sem Ele ela se torna nefasta e nociva ao crescimento do povo. Sem religião, o ser humano é incapaz de dominar os seus maiores instintos.

Senhor, quero proclamar-te único soberano de todos os povos. Que a humanidade errante e sem rumo possa reencontrar em ti a verdadeira força e o verdadeiro referencial. Sem ti não há crescimento nem progresso. Os políticos que não têm o Senhor não podem defender os interesses dos pobres, pois somente tu podes dar sentido ao nosso agir. Que todo político tenha uma religião reta, honesta e cheia de ternura e amor. Amém.

MEDITATIO: Seguimos com a alegria. Nas palavras que aqui pronuncia Jesus salta a idéia do sofrimento missionário como condição necessária e lugar privilegiado da alegria eclesial. Desta alegria Paulo foi mestre e protagonista. Em meio às perseguições por causa da pregação do Evangelho, afirma: «*Estou cheio de consolo e transbordo de gozo em todas as tribulações*» (2 Cor 7,4). Segundo seu exemplo, os convertidos acolhem «*a Palavra com gozo do Espírito em meio de muitas tribulações*» (1 Ts 1,6). Os ministros da Palavra estão «*como tristes, porém sempre alegres; como pobres, ainda que enriquecemos a muitos; como quem nada tem, ainda que tudo possuímos*» (2 Cor 6,10). Hoje como ontem, quem se compromete no imenso e minado campo da difusão da Palavra, na tarefa, missionária, seguramente encontrará grandes tribulações, porém tem garantida a alegria. Trata-se da alegria que procede de pôr no mundo um «homem novo», de ver reconstruídas a pessoas destruídas, de voltar a dar sentido e vitalidade a vidas murchas e apagadas, de ver aparecer o sorriso em rostos sem esperança. É a alegria de ver aparecer a vida ali onde só havia ruínas. Esse é o milagre da missão. Por que não superar o medo ao fracasso, para gozar desta segura alegria, garantida aos apóstolos generosos?

ORATIO: Hoje me dou conta, Senhor, de que meu escasso compromisso com a missão pode proceder do medo ao fracasso. É preciso expor-se, sob o risco de alcançar resultados escassos e, inclusive, irrisórios. Dou-me conta também, Senhor, que não sinto compaixão por meu próximo que caminha cômodo, ainda que insano, na lama. E me pergunto se tenho experimentado, de verdade, teu amor e compaixão por mim, o que tens feito por mim. É essa, Senhor, a razão, pela qual me encontro, com frequência, árido e triste e não conheça as alegrias que proporciona ver reflorescer a vida? Deve-se a isso que me sinta cansado e resignado? Concede-me, Senhor, um coração grande que me move a levar tua vida a meu próximo. Mostra-me a profunda necessidade que há, em tantas pessoas, de algo mais e melhor: a necessidade de ti. Ajuda-me a superar minha aridez, para levar um pouco de alegria, para que também em mim volte a florescer tua alegria.

CONTEMPLATIO: Que o que guia às almas esteja próximo de cada um com compaixão e esteja mais dedicado que todos os demais à contemplação, para assumir nele, com suas vísceras de misericórdia, a debilidade dos outros e, ao mesmo tempo, ir além de si mesmo na aspiração às realidades invisíveis, com a altura da contemplação. E, assim, se olha, com desejo, ao alto, não se desprezarão as debilidades do próximo, ou se, vice versa, se acerca a elas, não descuidará a aspiração ao alto. Como a caridade se eleva a maravilhosas alturas quando se inclina com misericórdia até as baixezas do próximo, com maior benevolência se dobra às debilidades, com mais potência subirá para o alto (Gregório Magno).

AÇÃO: Repete com frequência e vive hoje a Palavra:

«Ninguém vos poderá tirar vossa alegria» (Jo 16,22)

PARA A LEITURA ESPIRITUAL: A compaixão consiste em ter a coragem de reconhecer nosso recíproco destino para que possamos irseguir, todos, para a terra que Deus nos aponta. Compaixão é, também, «compartilhar a alegria», o que pode ser tão importante, como compartilhar a dor. Dar aos outros a possibilidade de ser completamente felizes, deixar florescer, em plenitude, sua alegria. Mas, a compaixão é algo mais que uma dor dividida com o próprio medo e

mesmo o suspiro de alívio; e é mais que uma alegria compartilhada. E é que tua compaixão nasce da oração, nasce de teu encontro com Deus, que é também o Deus de todos. No mesmo momento em que vires que o Deus que te ama, sem condições, ama a todos os outros seres humanos, com o mesmo amor; abrir-se-á, ante ti, um novo modo de viver, para que chegues a ver, com olhos novos, os que vivem ao teu lado, neste mundo. Dar-te-ás conta de que, tampouco, eles têm motivos para sentir medo; de que, tampouco, devem esconder-se atrás de uma cerca; de que, tampouco, têm necessidade de armas para serem humanos. Compreenderás que o jardim interior, que tem estado deserto durante tanto tempo, pode florescer também para eles (H.J.M. Nouwen, *A mani aperte*).

SÁBADO, 23 DE MAIO DE 2020

João 16,23b-28 (Anúncio de pronto retorno) O texto sublinha o tema da oração. A nova era predita pelo Senhor, aos seus, consistirá na compreensão da relação recíproca que há entre o Pai e o Filho e na manifestação de Jesus com o Dom da oração eficaz, pois Ele é o único caminho para a oração dirigida a Deus. Os discípulos não estavam acostumados a orar no nome de Jesus (v.24). Agora, sem dúvida, por meio do Espírito, enviado pelo Pai, foi inaugurado um tempo novo, no qual se pode dirigir, ao Pai, no nome de Jesus, porque seu Senhor, em virtude de seu passar ao Pai, converteu-se *no verdadeiro mediador entre Deus e o homem*. Em consequência, Jesus, prosseguindo o diálogo com seus discípulos, realiza uma constatação sobre o passado e, a seguir, projeta um olhar ao futuro. *No que se refere ao passado*, o qual abarca toda sua vida terrena, afirma que serviu-se de palavras e imagens que encerravam um significado profundo, que eles não comprehendiam com frequência. *Pelo que se refere ao futuro*, do acontecimento da páscoa em diante, suas palavras deixarão de ter véus e chegarão ao fundo de seus corações (v.25). De fato, com a vinda do Espírito depois da páscoa se inicia a nova era na qual Jesus falará abertamente e todos poderão compreender a verdade sobre o Pai e o que ele pretende fazer conhecer aos homens. Na oração é onde os discípulos conhecerão a íntima relação que existe entre Jesus e o Pai, e a destes com eles. A seguir serão escutados, porque existirá um entendimento perfeito no amor e na fé com Cristo, com o qual serão quase uma só coisa. Mais ainda, serão escutados porque são amados pelo mesmo Pai por causa de sua fé no mistério da encarnação do Filho (vv.26s). A Palavra de Jesus é uma palavra de vida que merece ser guardada no coração.

At 18,23-28 (Volta a Antioquia e partida para a terceira viagem) Paulo começa a viajar de novo desde Antioquia, que tem se convertido no ponto de partida e de referência para a missão aos pagãos, como era Jerusalém para os judeus cristãos. Sem dúvida, a atenção se dirige, agora, a Éfeso, outra cidade importante, onde haviam se detido Priscila e Áquila (*nota-se a precedência outorgada à mulher*). E aqui, na ausência de Paulo, conhecem Apolo, um notável pregador, teólogo e missionário, que ensina exatamente o que se referia a Jesus, ainda que de maneira incompleta, dado que só conhecia o batismo de João. Frente a estas afirmações devemos confessar que conhecemos pouco sobre a situação das comunidades primitivas; sobre as vias de comunicação da fé, sobre a geografia da sua difusão, sobre as correntes de pensamento ou sobre os grupos ligados aos distintos personagens. Apolo, que vem do Egito, aonde já tem chegado a Boa Notícia, foi convertido pelos discípulos de João que conheciam a Jesus? A vida das primeiras Igrejas devia ser muito viva, e o que se apresenta nos Atos é só uma pequena parte, uma mostra, da grande empresa da evangelização, ainda que uma parte autorizada – certamente – por estar centrada nas duas colunas: Pedro e Paulo; contudo, deve andar distante de oferecer um quadro completo da situação. Ao mesmo tempo, em que tinham lugar os acontecimentos narrados em Atos, um grande número de missionários, aptos e entusiastas, como Apolo, percorriam o mundo. Também é digna de destacar a tarefa dos leigos, que se permitem «corrigir» a muitas personalidades, dando uma contribuição de não pouco peso e solidez do novo «caminho do Senhor» na Grécia, graças à cultura e à dialética de um Apolo «posto ali». Toda a Igreja participa na empresa da evangelização, cada um com seus limites, ainda que com o apoio e contribuição fraterna de todos. E verdadeiramente maravilhosa esta Igreja fraterna, que parece ter no alto de suas preocupações a difusão do Evangelho em todos os âmbitos

Salmo 46/47 (Iahweh é rei de Israel e do mundo) O poder de Deus não pesa nem opõe, mas é amor e serviço. Não somos nós que servimos a Deus, mas é Ele que nos serve, pois nos dá o melhor de si a todo momento: o seu amor. E entregou seu filho Jesus Cristo para nos livrar do pecado. O poder de Deus é libertação e força, o que nos permite vencer todos os inimigos que nos afastam daquele que deve ser o nosso caminho. A verdadeira política não pode excluir Deus de seus projetos, pois sem Ele ela se torna nefasta e nociva ao crescimento do povo. Sem religião, o ser humano é incapaz de dominar os seus maiores instintos.

Senhor, quero proclamar-te único soberano de todos os povos. Que a humanidade errante e sem rumo possa reencontrar em ti a verdadeira força e o verdadeiro referencial. Sem ti não há crescimento nem progresso. Os políticos que não têm o Senhor não podem defender os interesses dos pobres, pois somente tu podes dar sentido ao nosso agir. Que todo político tenha uma religião reta, honesta e cheia de ternura e amor. Amém.

MEDITATIO: A comunhão dos discípulos com Jesus e com sua missão lhes garante que o Pai escutará sua oração como escuta a do Filho. Do mesmo modo que as obras e as palavras de Jesus não são suas, senão do Pai, tampouco as obras e as palavras dos discípulos são suas, mas de Jesus, presente dentro deles: a onipotência de Jesus é a onipotência dos discípulos. A grande mensagem contida nesta página de João me provoca: por que obtenho tão pouco? Por que sou tão pouco eficaz? Por que minha alegria é tão raramente plena? E ainda: por que o mistério da união do Filho com o Pai me atrai só de uma maneira débil? Por que sinto tão poucas vezes a onipotência de Deus em minha ação? E se estas perguntas estiveram ligadas? Não estarão por casualidade meus olhos demasiado voltados à realidade deste mundo e demasiado pouco ao mistério de Deus, ao amor do Pai ao Filho e do Filho aos discípulos? O olhar ao mundo, ainda que necessário, não me ajuda, certamente, a salvá-lo; a não ser que o olhe com os olhos e o coração do Pai, que deu o Filho para a salvação do mundo e quer implicar-me nesta aventura decisiva, pois é uma aventura que tem que ver com a eternidade. O olho de Deus me ajudaria a ver as necessidades, com frequência ocultas, das pessoas, a encontrar o remédio «divino» e, não só humano, que devemos oferecer-lhes, a alegria plena que temos de apresentar, o amor que o resgata todo. E se meu problema fundamental for a débil contemplação?

ORATIO: Pedir em teu nome, ó meu amantíssimo Salvador, não só pronunciar teu nome, mas fazer minha, tua causa, perseguí-la com teu coração, ver o mundo com teus olhos, compreender tua alegria, querer entregar-me como te entregaste! Quão longe estou de tudo isto! Por isso fico, em ocasiões, decepcionado em minha oração; por isso, perco o ânimo em meu compromisso com teu serviço; por isso, ante a escassez de resultados, me vem a tentação de abandonar. Senhor, olha com piedade minhas volubilidades ao servir-te, vem ao encontro de minhas ilusórias esperanças de gratificações para sustentar-me. Forma em mim um coração semelhante ao teu. Dai-me o impulso desinteressado de teu amor. Ata-me continuamente com o amor de Pai, para que possa amar a meus irmãos, como Ele os ama, como tu os amas, como eu quisera amá-los. E os amarei se vens em minha ajuda. Vem, Senhor!

CONTEMPLATIO: «*Pedi e recebereis, para que vossa alegria seja completa*» (Jo 16,24). Esta alegria plena não é a dos sentidos carnais, senão a alegria espiritual; e quando for tão grande que nada possa acrescentar-se a ela, será, evidentemente, completa. Assim, pois, qualquer coisa que peçamos e que tenha como fim a consecução desta alegria plena, é, precisamente, o que devemos pedir no nome de Cristo, se compreendemos de maneira justa o sentido da graça divina e se o objeto de nossas orações é a verdadeira felicidade na vida eterna. Qualquer outra coisa que peçamos não tem valor algum, não porque seja inexistente por completo, mas porque, frente a um bem tão grande como a vida eterna, qualquer outra coisa que possamos desejar fora dela é menos que nada (Santo Agostinho).

AÇÃO: Repete com frequência e vive hoje a Palavra:

9
«*Pedi e recebereis, para que vossa alegria seja completa*» (Jo 16,24)

PARA UMA LEITURA ESPIRITUAL: No clima de secularização em que vivemos, os líderes cristãos se sentem cada vez menos necessários e cada vez mais marginados. Muitos começam a perguntar-se se não terá chegado o momento de abandonar o sacerdócio; com frequência respondem que «sim» e vão buscar outra ocupação e unem seus esforços aos de seus contemporâneos para contribuir de modo eficaz a melhorar o mundo. Contudo, não temos de esquecer que existe outra situação completamente distinta. Por baixo das grandes conquistas de nosso tempo se esconde uma forte impressão de desesperança. Se, por um lado, a eficiência e o controle são as grandes aspirações de nossa sociedade, por outro há milhões de pessoas que, neste mundo orientado ao êxito, têm o coração oprimido pela solidão, a falta de amizade e solidariedade, as relações rotas, o cansaço, a depressão e um profundo sentido de inutilidade. É aqui onde se faz evidente a necessidade de uma nova liderança cristã. O verdadeiro líder do futuro será aquele que se atreve a reivindicar sua própria estranheza no mundo contemporâneo como uma vocação divina que lhe faz expressar uma profunda solidariedade com a angústia que se esconde sob o esplendor do êxito e lhe faz levar a luz de Jesus (H. J.M Nouwen, *Nel nome di Gesù*, Brescia).

AUTORES: (Giorgio Zevini y Pier Giordano Cabra)